

AOS LEITORES

1 - Nota introdutória

Este exemplar, Ano/Volume 8, nº 15, é o primeiro número deste Volume da Revista Perspectiva. O próximo exemplar, Ano/Volume 8, nº 16, corresponderá a jan./dez. 1991. A periodicidade atualizada da publicação da Revista será alcançada em junho do corrente ano. Os números 16 e 17 já estão no prelo.

A Revista Perspectiva é publicada em dois números por ano, desde a sua criação em 1985. Entretanto, o 1º número de cada ano/volume tem correspondido ao 2º semestre de um ano civil e o 2º número ao primeiro semestre do ano seguinte. Para fazer coincidir cada volume, com seus dois números, com um determinado ano civil, o Conselho Editorial decidiu pela seguinte programação editorial, para os próximos números:

Ano 9, nº 15, jul/dez. 1990 - este exemplar;

Ano 9, nº 16, jan/dez. 1991 - no prelo, um único exemplar em 1991;

Ano 10, nº 17, jan/jun. 1992 - no prelo;

Ano 10, nº 18, jul/dez. 1992 - em fase final de editoração.

A partir do Volume 10, números 17 e 18, cada volume corresponderá a dois números editados no respectivo ano civil. Esta alteração, evidentemente, não será feita com prejuízo aos assinantes, uma vez que toda assinatura anual feita será rigorosamente respeitada com o envio de dois exemplares diferentes da Revista.

A assinatura da Revista, a partir de 1992, é por dois anos. A assinatura para 1992 e 1993, correspondente aos volumes 10 e 11, números 17 a 20, é de Cr\$ 11.500,00. Os números anteriores podem ser adquiridos a Cr\$ 3.000,00 cada exemplar. Veja o formulário no final deste número da Revista *Perspectiva*.

2 - Apresentação deste número

Este número inicia com dois textos instigantes sobre avaliação, o primeiro sobre o desempenho da capacidade de escrever e o segundo sobre a percepção dos docentes de um Curso de Pedagogia sobre o processo de avaliação. Seguem dois trabalhos sobre o cotidiano escolar, o primeiro sobre alfabetização e o segundo sobre as estratégias de poder no cotidiano da sala de aula. A Revista conclui com um trabalho sobre história infantil, enfocando a criança pobre no surgir da industrialização brasileira.

No primeiro trabalho sobre avaliação, Dilvo I. Ristoff nos apresenta deficiências na redação feita por estudantes brasileiros. Postos diante de um mesmo tópico, coletivamente elaborado, após duas semanas de estudo de um tema, estudantes universitários brasileiros e americanos acabaram produzindo textos gritantemente diferentes, tanto no tamanho, quanto no conteúdo e fundamentação do texto escrito. Confira as diferenças encontradas pelo autor e suas reflexões sobre o assunto.

No segundo, Marçal Melo Filho nos oferece conclusões de sua pesquisa, na qual avalia o estado da avaliação do desempenho dos alunos num Centro de Educação. Mostra como esta área é desassistida, recheada de preconceitos e de imagens assustadoras. Identifica

a inadequação de práticas utilizadas como a aprovação permanente e a atribuição de conceitos idênticos a todos os alunos da turma.

Teresinha de Moraes Brenner, no seu texto, trabalha o tema da alfabetização e das cartilhas e manuais didáticos utilizados, enfatizando problemas concretos na aprendizagem e ensino da língua materna. Seu trabalho toma como base empírica para a análise cartilhas utilizadas em contextos específicos de alfabetização.

Partindo de uma descrição rica e convidativa de um primeiro dia de aula observado, Maria Juracy Toneli Siqueira nos oferece considerações descritivo-analíticas do cotidiano da escola. Explicita estratégias do poder disciplinar, utilizando M. Foucault nas observações analíticas das correlações no cotidiano escolar. Vale ressaltar a positividade encontrada nas configurações concretas da sala de aula como campo constituído de forças múltiplas.

No último artigo deste número, Luciana Esmeralda Ostetto apresenta um ensaio histórico sobre a infância na evolução da formação social brasileira, enfocando a condição infantil, especialmente da criança pobre e sua exploração capitalista, no interior da nova situação experienciada após a abolição da escravatura e por ocasião da instauração do trabalho livre na demarche da industrialização brasileira. O trabalho centra-se na cidade de São Paulo. A questão social da infância é vista na sua representação para os industriais, para os operários e no discurso médico.

Esperamos que, para o leitor, este número constitua uma oportunidade para uma leitura agradável e proveitosa.

O EDITOR